



# O Gaiato

6 DE JULHO DE 1974

ANO XXXI — N.º 791 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



*Respeitamos e amamos todos os homens, sejam eles quais forem e, dum modo particular, os «farrapões».*

## Aqui, Lisboa!

*«Eu sou um revolucionário pacífico, um pobre que sangra, um pai que chora, um português que ama. Revoluciono as massas para lhes dar a paz. Sangro pelos Pobres, nossos irmãos, para os aliviar. Choro a sorte dos farrapões das ruas e quero restaurar o que a sociedade estragou. Amo a Terra que me viu nascer e mais nada quero senão que ela se levante. Mas ninguém se levanta, sem levantar os prostrados.»*

PAI AMÉRICO

Não seria difícil encontrar outros excertos dos escritos de Pai Américo capazes de compendiar os nossos propósitos e de resumir o nosso programa de vida. De resto, porque todos têm a sua raiz no Evangelho, é aí, ao fim e ao cabo, que se situam as razões profundas de toda a nossa existência. Estando libertos de quaisquer peias e desligados de compromissos de ordem temporal ou de grupos de pressão, somos suficientemente livres para continuarmos a caminhada iniciada há 34 anos pela Obra da Rua. Pecadores e cheios de misérias, reconhecemos a necessidade de constante reconciliação com Deus e com os homens, mas temos a certeza de estar no Caminho que salva e liberta. Padres da Igreja — é preciso recordar — nada fazemos de válido fora do Seu seio, ou contra Ela e, por tal, «somos do Bispo e do Papa». Não tememos, por outro lado, aparecer como parasitas da Sociedade, que ganham o pão sem o suor do seu rosto, porque empenhados totalmente, apesar de tudo, no serviço dos Irmãos, para «lhes dar a paz», «para os aliviar», para «levantar os prostrados», enfim, para «restaurar o que a sociedade estragou». Resumindo, não tendo de mudar nem querendo pôr-nos nos bicos dos pés para que nos vejam ou aplaudam, vamos continuar o nosso humilde trabalho de «revolucionários pacíficos», respeitando e amando todos os homens, sejam eles quais forem e, dum modo particular, os «farrapões». Que ninguém duvide da rectidão dos nossos intentos: lutar pela Justiça, pela Verdade e pelo Amor; portanto, sem ódios e com o repúdio de todas as formas de opressão, vingança ou violência.

Padre Luiz

## Areias do Cavaco

Veio há dias, esta carta:

«Sou assinante de «O Gaiato» que leio sempre com tanto carinho como se fosse uma carta da minha família.

Li no penúltimo jornal que V. falava na grande necessidade de casas para esses nossos Irmãos que têm de pôr as esteiras no chão para deitar os seus filhos. Pois quero ajudar com uma migalha. Só queria ser senhora de alguma fortuna, isto é, poder tirar a tantos que tanto têm e não sabem fazer bom uso dele. Que Deus abra os corações de tantos que tanto podiam fazer aos Irmãos mais deserdados. Vivo do meu trabalho, mas com boa vontade posso fazer alguma coisa. Basta que Deus conheça.»

É verdade. Da boca das crianças e dos simples sai a verdade. Esta é uma lição de doutrina social da Igreja. E vem de uma mulher pobre que «vive do seu trabalho», mas está cheia de boa vontade. E, porque são vãs as meras denúncias de injustiças sociais, sem uma resposta concreta na vida, esta mulher faz alguma coisa. Tira do seu trabalho e responde a necessidades mais urgentes.

Vivemos numa sociedade, em que as condições de vida da maioria do povo são extremamente precárias.

Há uma distância enorme entre ricos e pobres, entre poderosos e marginados. Ao lado da riqueza acumulada sabe Deus como, há uma multidão de miseráveis. Deus não quer esta situação. E, se ela existe, é por culpa do homem. É um facto que a maioria da população vive marginada quer no interior, quer nos grandes centros, como este onde estamos inseridos. Aqui, porém, a situação se torna mais revoltante pelo contraste da aproximação. É «uma miséria imerecida».

As causas destes males estão no próprio homem. Há uma situação de pecado que urge eliminar, sem perda de tempo; enquanto é tempo. As relações entre as camadas que formam a sociedade são marcadas pela ganância do lucro dos mais fortes, «pelo abuso da propriedade privada que não é usada conforme a natureza da mesma e de acordo com o espírito do Evangelho e da doutrina social da Igreja, facilitando a acumulação desmedida de bens em prejuízo da comunidade». Sociedade progressiva e justa é aquela em que a maioria participa da riqueza da sua terra.

Sabemos que não é o que acontece. Deus criou os bens

Cont. na TERCEIRA página

## LOURENÇO MARQUES

*Está a chegar ao seu termo, pelo menos entre nós, a degradação de uma raça, considerada sempre inferior, descoberta pelos povos do ocidente cristão, que cobizaram nela a sua mansidão, a sua sujeição ao trabalho, que durante séculos substituíram numa economia superabastecida uma conveniente revolução industrial.*

*Estamos finalmente a tomar consciência de que são seres iguais a nós, com uma estatura humana, tanto tempo ignorada ou até reprimida, porque «hoje têm também consciência de serem (ou pelo menos de quererem ser) os artífices e autores de cultura da sua própria comunidade».* («Gaudium et Spes»)

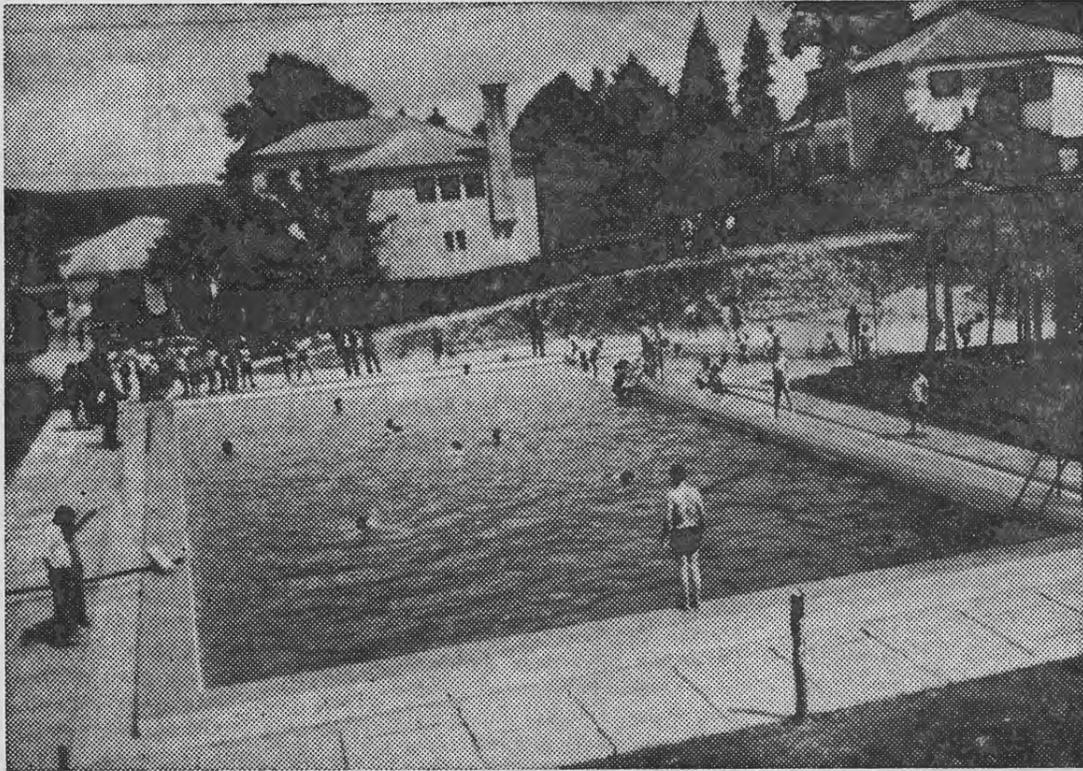
*É esta uma conquista do nosso tempo, em que uns somos apenas espectadores numa óptica de*

*vitória ou de derrota, outros actores qualificados de uma nova sociedade. Embora nem todos os cristãos se possam apresentar de cara levantada e radiante, não podemos olvidar a afirmação do Concílio na «Gaudium et Spes» proclamada no dia 7 de Dezembro de 1965, que começa assim: «As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos Pobres e de todos os que sofrem, são as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo».*

*Ora tenho para mim, que se não há maior tristeza que a duma criança sem pais, nem maior angústia que a duma criança abandonada; como*

Cont. na QUARTA página

# PELAS CASAS DO GAIATO



A piscina de Paço de Sousa, na hora do banho, ainda é mais bela!

## Paço de Sousa

**FUTEBOL** — Neste tempo, muitos grupos nos têm convidado a fazer desafios de futebol. Mas desses jogos que se têm efectuado nem todos correm bem. Uns por causa de malta, outros por causa dos de fora que não sabem perder, assim como nós. No último jogo, um grupo de rapazes, que jogavam com habilidade e têm gosto pelo futebol, ganhounos por 4-3.

Mas, isto não está bem, porque os grandes, para serem grandes, tiveram de passar por pequenos e aprenderem a jogar futebol porque alguém os ensinou. Os pequenos de agora também têm direito a fazer alguns jogos. Pois, se alguém estiver interessado, nós cá os esperamos para jogos amigáveis. Desde já obrigado.

**PISCINA** — Este ano, quase todos os dias temos tomado banho, mais ou menos com o mesmo horário. Despega-se do trabalho, como é habitual, às 18 horas e 30 minutos. Esperamos 15 minutos, porque a malta não segue directamente para a piscina. Acabado esse prazo, começa-se a tomar banho até às 19 h 15 minutos. O resto do tempo até ao jantar, é para nos vestirmos e prepararmos. Ao domingo, o banho começa às 17 h até por volta das 17.30 h.

Como vos disse no número anterior aqui vai a gravura da nossa bela piscina.

**LAVOURA E PECUARIA** — O nosso milho está a crescer e, pelos vistos, vamos ter bastante, mas para isso é preciso trabalhar. As batatas estão prestes a serem colhidas e parece que vai haver mais batatas

do que no ano passado. As nossas uvas estão a aparecer aos montões e dão muito trabalho, que será compensado na vindima.

Já há muito tempo que não se fala sobre pecuária!

Aqui vão algumas notícias:

As nossas galinhas estão a aumentar em grande número e põem perto de 30 ovos por dia.

As nossas vacas estão fortes e, de vez em quando, lá dão à luz alguns vitelos que depois serão como elas ou como eles, pois.

As nossas vacas dão bastante leite que é levado para a cozinha pelos nossos vaqueiros e depois de fervido guardado no frigorífico. À noite, mistura-se com café e leite em pó e guarda-se para de manhã o bebermos ao pequeno-almoço. Neste tempo o leite nem sempre fica bom, como, também, se estraga. Mas, paciência, porque tudo que é bom, muitas vezes estraga-se.

**GRUPOS** — Cá na Aldeia a nossa limpeza é feita pela reunião de rapazes em grupos, e cada qual com

seu chefe. Os principais chefes são o «Peixeira» e o «Rísinho»; o primeiro da Telescola e o outro da Escola Primária. Ora, cada um tem o seu trabalho, assim como o seu grupo.

**AZURARA** — As praias já começaram visto que o primeiro turno partiu no dia 20 e regressa um mês depois, para dar lugar ao 2.º turno, dos mais crescidos. Por esta altura não se ouve falar noutra coisa senão nas praias!

**CICERONES** — Os nossos cicercos são um conjunto de rapazes divididos em grupos para mostrarem e explicarem aos nossos visitantes como é a nossa Aldeia. Todos os domingos eles dizem que muita gente compra livros da nossa Editorial, assim como «O Gaiato».

**EXCURSÕES** — Falei, atrás, de cicercos. Agora, dos visitantes.

Em dias úteis são famílias, em carros particulares ou de aluguer; e excursões de estudantes. Lembro-



O grupo da Profissão de Fé, na Festa do Corpo de Deus — em Paço de Sousa.

-me por exemplo, dos finalistas do Liceu de Penafiel.

Aos domingos, quase sempre, é uma romaria de carros, de camionetas e de gente. São grupos que, por amizade, marcam, no seu passeio, uma visita à nossa Aldeia.

**GRANDE FAMÍLIA** — Temos cá a passar férias um Gaiato que está a viver na Alemanha; é o Antero. Pois todos os anos ele cá vem fazer uma visita e passar alguns dias connosco. Outro, é o João da Rocha, ex-«João Bombeiro», que vivia em Lourenço Marques e que, pelos vistos, ficará na Metrópole. E muitos outros que aparecem de vez em quando para nos visitarem!

Morgado

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**JUSTIÇA SOCIAL** — O tesoureiro da Conferência — como é da praxe — dá contas ao grupo em todas as reuniões. É o homem das massas. Ponderado. Calmo. Pontual. Responsável.

— Olhai! Este mês foi uma grande sangria! Estamos a ficar depenados...

— ...!

— Este mês — repete — só na farmácia pagámos mais de 2.000\$00!! Fora o resto... que já não é pouco.

A maior parte das receitas foi para tratamento de um homem que trabalhou muitos anos na construção civil e está inválido. Prestou serviço no tempo em que a maior parte dos Trabalhadores — pelas circunstâncias — não estava consciencializada dos seus direitos inalienáveis — ou sofria as carências do sistema. Problema complexo, para o que também concorreu, e muito, o próprio analfabetismo.

Mexeu-se, oportunamente. Era tarde! Não poderia comprovar, juridicamente, a prestação de serviço, etc., atendendo à natural instabilidade da profissão.

Agora, como apoio, é quase só o braço da mulher. Heroína! Que, dos filhos, apenas recebe o abono de família e a assistência médica da Previdência, a cujo total benefício teria jus (pensão de reforma...) se a vida profissional se tivesse processado normalmente.

Hoje, estes casos — terríveis — são dos mais dolorosos, na conjuntura. Quem dera fosse possível reabilitar do «ghetto» onde vivem, a maior parte dos Condenados — por mor da Justiça Social!

Caso curioso: Surgem, para aí, algumas reivindicações (mais ou menos justas) a torpedearem as precárias condições económicas do País, enquanto os verdadeiramente explorados — e são muitos! — por incapacidade, não reclamam. Sofrem, no silêncio, a miséria, um calvário doloroso que a Caridade, supletivamente, procura amenizar ou resolver, sim, mas não lhe competiria do ponto de vista material, sem trair a ordem lógica: primeiro, a Justiça...

**DONATIVOS** — Para uma despesa média mensal que ascende, sei lá!, a mais de três contos, esta quin-

zena chegaram, apenas, três apoios! São três senhoras! Três presenças anónimas e muito significativas. Aliás, no calvário do caso vertente, a Mulher é o suporte — o esteio!

Sem o palavreado feminista, muito em voga — mas no concreto da vida — todas elas afirmam um grande testemunho. E dão cartas às tais emancipalistas folclóricas, de mesas redondas, de chás, canastas e tudo aquilo que a gente sabe. Poeira! De uma visitante, 20\$00. Doutra, 50\$00 e que é revolucionária: leva, normalmente, um lote de obras de Pai Américo para queimar as almas da sua roda! A terceira e última presença é de 100\$00, da rua Senhora de Campanhã — Porto.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



**CAMPO** — Como os trabalhos têm de ser feitos e não podemos estar à espera de que os venham fazer, este ano, com um bocado de esforço dos mais velhos, fez-se a ceifa do feno em todo o olival.

Entretanto, estão prestes a serem colhidas as batatas. Ter-se-á de recorrer novamente a um espírito de maior esforço e entre-ajuda.

A produção de azeite parece que vai ser boa, já que as oliveiras apresentam grande quantidade de azeitonas. Será necessário que, até Outubro, o tempo não destrua esta esperança.

**FUTEBOL** — Já vão decorridos cerca de três meses após o desafio efectuado pela nossa equipa contra uma outra, visitante — um grupo da Pontinha. Desafio que, por sinal, foi o último.

Durante estes três meses houve algumas marcações de desafios, mas não passaram de simples promessas.

Quero aproveitar esta oportunidade para dizer aos leitores mais jovens, que a nossa equipa está quase ferrugenta e que isto não se resolve com óleo lubrificante.

Haja um grupo que venha ajudar-nos. Aproveitem um bom domingo de Verão e visitem-nos. Estou certo de que ficarão contentes.

Segundo comunicação do treinador e do presidente do nosso grupo, precisamos de uma bola de couro.

Um leitor pode resolver o problema. Vamos lá! Obrigado.

**FÉRIAS** — Chegou o Verão e, com ele, o tempo quente.

Tal clima convida as pessoas a irem até às praias ou aos acampamentos.

Para que se possa usufruir de tais prazeres são necessárias as férias. Mas elas também chegarão para todos — cada um por sua vez.

Na nossa Casa a época balnear ainda não abriu, mas a seu tempo abrirá. Entretanto, os Rapazes têm-se deliciado com uns mergulhos nos nossos tanques, o que já não é mau...

Jorge



De «alguém», nosso conhecido, uma carta maravilhosa. Dela, respigamos dois parágrafos:

«Faz hoje 25 anos tive uma grande alegria. Nasceu-me o primeiro filho, o Carlos, aquele que promoveu a nossa grande amizade. Em comemoração desta data, mando-lhe um cheque de 1.000\$00.

Poderá parecer-lhe benevolência a mais, não é; é justiça. Calcule que no mês de Maio fui novamente aumentado no meu ordenado por aquela importância. Se todos os que foram aumentados no mês de Maio, em vez de celebrarem o acontecimento com almoços, jantares e «farras» estúpidas, se lembrassem de ofertarem esse aumento a obras como a da Casa do Gaiato, para ocorrer às imensas despesas, da educação, formação e alimentação de tantos e tantas que não tiveram a felicidade de encontrar um lar, que não tiveram um Pai e uma Mãe para os amparar pela vida fora...»

Pois, Amigo, que o nosso bom Deus lhe continue a proporcionar as mais belas alegrias.

200\$ — «uma pequena lembrança dos irmãos Santos e Deolinda, de Avintes». Um cartão de visita e 10 contos, vindos de Tomar. 100\$ do Porto. Para

## Areias do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

para que todos os membros da comunidade possam com eles satisfazer as suas necessidades de ordem material e cultural. Os membros mais fortes da comunidade devem dar a mão aos mais fracos, numa atitude de serviço, de austeridade, de justiça, de respeito pela liberdade, com sinceridade. Devem sentir-se comprometidos com os mais pobres, os oprimidos, os marginados. Numa sociedade como a nossa, em que há tanta miséria, os que possuem bens em abundância devem sentir-se obrigados à prática da austeridade no uso dos seus bens, para que não haja esbanjamentos; devem abster-se do uso do supérfluo que não lhes pertence, mas pertence aos Pobres. E porque estamos inseridos numa sociedade em que à maioria dos seus membros falta tudo o que é essencial a uma vida humanamente digna, cada um, segundo as suas possibilidades reais, deve pôr ao serviço deles as suas capacidades, o seu tempo e o seu trabalho. Um cristão que não viva nesta linha, caminha no erro e sua salvação corre sério risco. Pois o fundamento destas atitudes está no Evangelho. Deus é Pai e a todos nos constitui irmãos.

Padre Manuel

# Do que nós necessitamos

o quarto do velhinho do Barredo, 150\$. De S. Tiago de Ribal, 100\$. Várias dádivas entregues no Lar do Porto. Da Circunscrição Postal da Província do Douro Litoral — Porto, 670\$. Duma visita escolar, de Caldas da Saúde, 816\$40. «Em memória da Senhora D. Cândida Pereira de Matos recentemente falecida decidiram os funcionários da Direcção dos Serviços de Telecomunicações dos CTT, enviar a V. 270\$, destinados à Casa do Gaiato.

«140\$, para as vossas crianças, com pedido de orações pelas nossas. As professoras de Avelãs de Cima». Ass. 16264, com 330\$, a distribuir por esta Casa e Calvário. Por alma de Eduardo Fonseca, 120\$. Da Amadora, os costumados 100\$ em selos de correio. De Clara Flores, 70\$. Um António Manuel, manda-nos 50\$, todos os meses, enquanto não for para o serviço militar. Da Alfaiataria Infantil, vários artigos: 12 casacos de rapaz; 14 camisas; 2 pares de sapatos e 3 plastrons. Vieram numa boa altura. Bem hajam. Muitas e variadas coisas, deixadas por vós, no Espelho da Moda.

Mais roupas da Covilhã. Livros de Santarém. 50\$ de Oliveira de Azemeis. Os 1.000\$ mensais, vindos da Rua António Cardoso. «Uma achega para a máquina de costura, com votos de rápido êxito.» Vieram 50\$, de Lisboa-2. O envelope sem algo mais, que não seja o donativo que traz. É de Valadares, com 320\$. Vários cheques que somam 1.300\$, da Capital. Dum aumento de ordenado, 200\$. «Por alma de meus pais», 100\$, da ass. 23738. Mais 2 contos, entregues por uma senhora. E um par de botas de futebol, do filho dum cliente da nossa Tipografia. 150\$, parte de um aumento de vencimento proveniente de uma diuturnidade. Veio de «uma portuense qualquer». Vestuário de Moncorvo. 100\$ de Lisboa. E 50\$ de quem pede orações. De S. Paio de Oleiros, 100\$. Igual quantia de Avintes. Um cheque de 300\$. Assinante de Rio Tinto, com os 100\$ de todos os meses. De S. João das Lampas, os mil escudos habituais. 500\$ da Beira-Baixa. Avós de Sintra, com duas presenças de 100\$ cada. Por alma de Ana da Conceição, 45\$00. Do Escritório de Tráfego dos Telefones Lisboa e Porto, 72\$50. Dum anónimo com muito carinho, 1.000\$. «Obra de Deus — para os Pobres», com 50\$+50\$. Mais 5 quilos de amêndoas e um cheque de 500\$, de Espinho.

«Uma Mãe Alentejana» brindou-nos com roupas amorosamente preparadas e embaladas — que contrasta tamanho com pacotes e encomendas recebidas, e com tanto lixo!... E os professores e alunos da Escola Masculina do Monte — Vilar do Paraíso, visitaram-nos e partiram contentes. E ao chegarem a casa, remeteram-nos mil escudos.

E este postal do Turcifal:

«No passado dia 27, enviei por vale postal a pequena importância de 150\$ que, se vale pouco materialmente, tem certamente o grande valor de ser o resultado duma pequena colecta feita numa reunião de mães das crianças da Catequese desta Paróquia. É a dádiva de mães de filhos felizes, embora pobres, para filhos menos felizes de ou-

tra, mães que, por não poderem ou não quererem, os abandonaram.»

O Senhor vos abençoe e ajude, na sagrada missão de Mãe.

Terminamos com uma carta do Porto. É de pessoa que, mensalmente, aparece com suas migalhas. Trouxe-nos esta 100\$. Ei-la:

«Nesta hora em que todos fazem reivindicações, é justo que quem não reclama e tenha tido benefícios, se lembre das grandes instituições de Assistência, entre as quais se conta a Casa do Gaiato, criada pelo sempre lembrado Pai Américo.

Assim, e como tive aumento de vencimento sem reclamar, também a Casa do Gaiato terá a sua participação, pelo que passo a remeter em dobro a minha habitual cota mensal, dando graças pela muita protecção com que Deus, bastante me tem distinguido e a Quem devo tudo o que tenho.»

Obrigado, Senhor, pelo muito que nos dais.

Manuel Pinto

## NA ORDEM DO DIA

# LIVRO «O BARREDO»

«Lisboa, 23 de Maio de 1974.

Caros Amigos:

Só hoje, tanto tempo já passado, venho acusar e agradecer o recebimento do livro «O Barredo».

Diversas razões, principalmente a falta de saúde e muitos problemas, me levaram a este atraso que peço me perdoem.

Junto 100\$00 para ajuda da despesa do papel com que o mesmo foi feito, já que os livros escritos desta forma não têm preço que se traduza em escudos. O único, na minha opinião — e esse tenho-o pago todas as vezes que leio mais umas páginas — é a enorme angústia que nos causa a sua leitura.

Para confortar um pouco resta-me a esperança de que o livro foi feito há anos e de que

hoje em dia já é diferente. Oxalá ao menos em parte.

Um abraço da assinante 7327.»

Mas a verdade, triste, é que, na generalidade, o problema subsiste com as mesmas proporções. Tanto, que o Barredo, os Barredos, estão na ordem do dia. Com poucas variantes, Pai Américo afirmaria vigorosamente que «o assunto não está antiquado»; e mais: «Os casos do livro «O Barredo» em tudo e por tudo são uma repetição viva e actual dos referidos em «O Pão dos Pobres». Então quê? É para demonstrar que a vida do Pobre não muda. «Estamos no mesmo ser» é uma resposta muito dos meus ouvidos, quando, por hábito, pergunto ao Pobre como vive. A semelhança dos Barredos é flagrante, tanto faz Coimbra como Porto ou Lisboa,

que são estes os que melhor conhecemos...»

Concretizando: tomos seguido, atentamente — como se abrissemos páginas históricas de «O Gaiato» — desenvolvidas reportagens publicadas na Imprensa, por sinal da Imprensa diária; agora sem a cruel imposição de abafar a maior vergonha nacional — para sossego (!) dos bem-instalados. Como se o mal — o mais grave do País, sublinhamos — fosse resolvido com outro: calar os ecos ou os gemidos dos Pobres!!

Hoje não resistimos. Aí vai a transcrição de mais um texto (integral) de «O Barredo»:

«Eu costume receber cartas daquelas paragens e leio e vou. Deixa-se o «Morris» à distância, para assim não me ver obrigado a pedir perdão ao Pobre... Tanto que eles nos perdoam: a nossa cama, a nossa mesa, os nossos costumes...! Tão pouco o que lhes desculparamos...! Adiante.

Esta que li, pelo que dizia e como dizia, pareceu-me ser de um homem maduro: «Salve esta criança que aí faz-se homem e não aprende os vícios do mundo».

Foi-se a ver e era de um moço operário! Era na Grande Escarpa. Começo a subir degraus, que rangem de carunchentos. A pedra interior é salitrada. Cabeças curiosas assomam e perguntam quem eu sou; e eu pergunto-lhes aonde mora fulano. Ficava no terceiro andar. Estava a mãe e um filho desempregado; o que me escrevera, não. «Anda na fábrica», disse a mãe. Tinha ali na cozinha o objecto da petição: uma criança de 4 anos. A mãe é meretriz. «A criança já vai botando sentido...» Eis a aflição do jovem que me escreveu.

Cont. na QUARTA página

## Estar atento

Não é apenas o amor de Deus que tem por substância a atenção. O amor do Próximo, que nós sabemos ser o mesmo amor, é feito da mesma substância.

Os infelizes não têm necessidade de outra coisa neste mundo, senão de homens capazes de lhes prestarem atenção. A capacidade de prestar atenção a um infeliz é coisa muito rara, muito difícil; é quase um milagre; é mesmo um milagre. Quase todos os que pensam ter esta capacidade, na realidade não a possuem. O calor, o arrebato do coração, a piedade não bastam.

A plenitude do amor do Próximo consiste apenas em ser capaz de lhe perguntar: «qual é o teu tormento?» É saber que o infeliz existe, não como uma unidade numa colecção, não como um exemplar da categoria social etiquetada de «infelizes», mas como homem, exactamente igual a nós, que um dia foi atingido e marcado de uma maneira inimitá-

vel pela infelicidade. Para isso é suficiente, mas indispensável, saber olhá-lo de uma certa maneira.

Esse olhar é antes de mais nada um olhar atento, em que a alma se esvazia de todo o seu próprio conteúdo para receber em si própria o ser que contempla tal qual ele é, em toda a sua verdade. Apenas será capaz disso aquele que é capaz de estar atento.

Confrades de S. Vicente de Paulo, saberemos nós de facto prestar atenção àqueles que visitamos? Sem dúvida, mas saberemos também prestar atenção a todas as pessoas que a Providência põe todos os dias no nosso caminho, no nosso trabalho, na nossa família, e até mesmo aos nossos próprios confrades?

(Extrairdo do Boletim do Conselho Geral da Sociedade de S. Vicente de Paulo, Paris e publicado na «Escalada» — Folha de ligação do Conselho Central do Porto.)



LIVRO

« O BARREDO »

Cont. da TERCEIRA página

Mas isto é simplesmente grande! Isto constitui uma formidável lição aos que se dizem mestres. O Barredo! Desço as escadas e estou agora na rua. É uma zona de toleradas. Muitas delas estão à porta e murmuram baixinho: — Pai Américo. É um lampejo; luz a sair da lama! A tolerada chega à viela por um conceito de vida animal. Um mundo de circunstâncias a leva ali. Mas ela tem possibilidades espirituais. Passa o filho de uma pela mão de um sacerdote e todas estremecem. É a pia do Baptismo; luz a emergir da lama... O Barredo! É a zona mais doente do nosso lindo Portugal. Se todos nós formamos um só Corpo, como temos esquecido os membros que tanto sofrem; como?!»

Páginas d'ontem, páginas d'hoje! Escritas, sob pressão, com o sangue dos Mártires. «Tenho de usar os meus punhos de renda...» — dizia Pai Américo. Era açúcar no vinagre!...

Júlio Mendes

Saiu daqui, agora mesmo, um homem de 34 anos que voltou de Angola inutilizado de um braço. Quatro filhos com ele. Vinham em demanda da Mãe, mulher vistosa — a julgar por uma fotografia — que os abandonou atrás de vida mais fácil.

Esperto, os pequenos! Demorei-me com o mais velho, de 10 anos, que correspondeu à conversa com desenvoltura e uma seriedade imprópria da sua idade. Dramas que marcam indelevelmente para a vida toda!

A Justiça anda por aí, eufórica, a esvasiar cadeias. Talvez fosse melhor quebrar primeiro a impunidade de que gozam tantos crimes contra a natureza.

Saiu este homem... Preparava-me eu para escrever esta local, tendo como motivo quatro gritos de socorro chegados estes dias. Ei-los, nus e crus, como o desvario dos homens os consente:

● «Um miúdo de 11 anos, órfão de pai, a mãe vive com outro homem, não dando os verdadeiros cuidados aos filhos.

Este dorme dentro de uns carros velhos abandonados ou nos portais, não frequenta a escola e vive de esmolas.

Em face do grande perigo que corre esta criança, rogamos a V. que se digne resolver este problema.»

● «Venho confirmar-lhe o meu pedido para encontrar abrigo para uma criança, filha de mãe solteira e de pai desconhecido. Ou melhor, sabe-se quem

paráveis da sociedade que ocasionou a sua corrupção.

Ora as crianças de hoje são a estrutura da sociedade de amanhã. Não bastará dar-lhes instrução e meios adequados a uma sã educação. É também necessário e fundamental que a moral individual, familiar e social que por toda a parte perdeu os seus limites ditados pelo bom senso e consciência de pecado, se faça uma depuração, reconduzindo-a à sua pureza, encarando o indivíduo, nomeadamente a criança, à luz do seu igual destino temporal e eterno.

Na minha vida de padre da rua, sou testemunha das muitas tragédias e angústias de crianças postas à margem. E estas tragédias e angústias não desaparecerão sem uma mudança radical de determinado comportamento imoral, injusto e corrompido de muitos e muitos jovens e adultos e de uma consciência social esclarecida e exigente.

Aos Direitos da Criança, proclamados em 20 de Nov. de 1959, onde se diz que toda ela desde que nasce tem direito a um nome e uma nacionalidade, gostaria de ver acrescentado: Tem direito a ter pais, capacitados dos seus deveres em relação a ela, que a defendam da corrupção social em todas as suas camadas.

Padre José Maria

Voz dos que não têm Voz

é o pai, mas este não perfilhou a criança, nem quer saber dela, estando ausente para França. Chama-se Rui Pedro, tem 4 anos de idade. Vive com os avós maternos em Canelas — Peso da Régua. O avó é alcoólico, dando maus tratos ao miúdo e a avó não pode intervir porque também apanha pancada.»

● «Venho contar a triste história de dois pequenos desta paróquia de Cabril — Castro Daire.

São eles José Manuel, de 11 anos e Paulo Jorge, de 8. Ambos filhos legítimos e a viver com os avós naturais desta freguesia, onde residem.

Os miúdos têm duas irmãs, uma de 14 e outra de 15 anos que trabalham em Lisboa e estão em companhia do Pai, ou antes, sob a sua responsabilidade. Durante cerca de dois anos após a separação, a mãe dos pequenos viveu com os seus pais, trabalhando para a criação dos filhos, mas em Janeiro retirou-se, sob pretexto de ir procurar algum trabalho melhor remunerado e não deu mais qualquer notícia à família. Segundo consta vive em mancebia com outro homem. O pai dos pequenos, consta-se que leva a mesma vida.

O avó levou o assunto a tribunal há cerca de ano e meio. Como a mãe não compareceu, o oficial de diligências notificou-o sobre a decisão do mesmo tribunal, declarando-lhe que ficava ele responsável pela sorte dos netos, com direito ao abono de família que o pai lhe enviaria, como, de facto, tem enviado. Também lhe disse que o pai devia contribuir para a criação dos filhos, mas não disse com quanto nem como.»

● «Trata-se do caso dos seis filhos dum casal que, trabalhando em África, o pai, por a mãe ter abandonado o lar, mandou por avião para os avós.

Seguindo o conselho de V. fui ao Tribunal de Menores dando os elementos necessários para a organização de um processo à entidade patronal do pai, para que o obrigasse a enviar o sustento para os filhos e o respectivo abono.

Passaram-se todos estes meses e acabo de ter conhecimento que o dito processo ainda não seguira. Alegam e acredito que os afazeres são muitos e os casos acumulam-se. Consegui apenas subsídios particulares e do Instituto de Defesa à Família e nada mais.

Contacto constantemente com a avó que, exausta do trabalho e preocupações, me comunica o seguinte: As cartas dirigidas ao pai pelos filhos e um advogado amigo não recebem resposta. Entretanto os 3 rapazes de 11, 10 e 9 anos vivem permanentemente na vadiagem. Começam a tirar dinheiro, objectos, etc.

Os vizinhos lesados avisaram a avó de que vão dar queixa à Tutoria e ela então consumida

pede-me que peça ao Juiz para os internar.

Corta-me o coração fazê-lo, pois tenho lidado com os pequenos, espertos e atraentes na sua vivacidade infantil, sinto que este procedimento é fruto do abandono em que estiveram em África e como o pai vai para o trabalho e só de 8 em 8 dias vinha a casa,

dizia-lhes que roubassem para comer. Assim se habituaram a viver sem tutela: não obedecem aos avós, o mais velho entra em casa altas horas da madrugada e não atende a conselhos.»

Esta é a voz dos que não têm voz — nem culpas nenhuma por que pagar.

Será a algazarra o argumento das prioridades no serviço da Justiça e da prosperidade ao Povo que tão urgentemente necessita delas?!

RETALHOS DE VIDA

O «ROUXINOL»



Sou natural de Massarelos — Porto, onde nasci em 17 de Fevereiro de 1962.

Eu vivia em Aguas Santas, numa casinha, com os meus pais. Certo dia, ele deu-se mal com a minha mãe e, de um momento para o outro, abandonou-nos a todos! Minha mãe, coitada, não nos podia sustentar e meteu-me na Casa dos Pobres. Estive lá pouco tempo... O sr. Padre Carlos resolveu ir lá buscar-me e, agora, que estou nesta Casa há 5 anos, não me apetece ir embora.

Naquele tempo não sabia o que fazia o meu pai; mas, agora, sei que trabalha num recinto público da cidade do Porto; e também sei que, para mim, ele é um vagabundo!

A minha mãe é uma pobre desgraçada. Também não sei dela! Mas nunca a esqueço. Tenho saudades da minha mãe!

Quando andava com os meus pais era um vadio. Fumava muito com 5 anos!... Agora, estou arrependido por ter feito aquelas maldades.

Há tempos, um colega meu andava a vender «O Gaiato». E encontrou o meu pai, que mandou um recado: — «Diz ao «Rouxinol» para vir cá, senão puxo-lhe as orelhas». Respondi: — Ele que venha cá, porque me abandonou!

Mas, mesmo assim, se viesse cá ver-me, não lhe ligava. Porquê? Porque me abandonou!

Trabalho no grupo da lenha e na expedição do nosso Jornal «O Gaiato», do qual sou também vendedor. A minha zona é Braga, onde tenho muitos e bons amigos. Naquela velha cidade, vendo 200 jornais todas as quinzenas.

Tenho 12 anos. Passei para a 4.ª classe. E espero fazer o 2.º ano do Ciclo Preparatório TV.

Aqui está a minha vida! Um abraço para os nossos amigos leitores de «O Gaiato», principalmente os de Braga.

Artur da Conceição («Rouxinol»)

LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA página

também não há maior esperança que numa criança que, amparada, caminha para a vida, nem alegria mais expressiva e verdadeira que a duma criança satisfeita.

As circunstâncias do viver actual mudarão, para os adultos; trarão certamente dias jubilosos ao seio de milhares de famílias; a revolução deixará de ser um grito para se tornar um hino, um cântico novo à amizade e convivência; mas ficarão esquecidos muitos Pobres que nunca poderão por si sós partilhar essa alegria, muitos doentes que não poderão recalar a sua dor, muitos presos que nunca poderão esquecer as condições de vida em que se passou a sua meninice com falhas irre-

TRANSPORTADO NOS AVIÕES

DA T. A. P. PARA ANGOLA E

MOÇAMBIQUE



Carlos Cerqueira

Completaria em breve 28 anos.

Feita a tropa, regressado da Guiné, porque a sua especialidade de encademador não oferecia horizontes em relação às outras afins da Tipografia, empregou-se no Hospital de S. João, de onde, há pouco, transitara para o Instituto de Oncologia.

Ali o foi achar a morte. Doença do fígado, talvez contraída em África e hemorragia interna tardiamente detectada, não permitiram o êxito da intervenção cirúrgica que se realizou.

Despedimo-nos no seu derradeiro domingo. Já me retirava quando ele acenou para pedir se o deixava passar uns dias em Paço de Sousa quando estivesse melhor. Na 3.ª feira, fomos por ele, não porque estivesse melhor, mas para acabar à nossa beira. Estava já em coma. Havia ainda uma réstea de esperança... Não veio. Ao meio-dia de sábado morreu.

Pobre, sem importância social, sem que nenhuma retribuição notável se pudesse esperar de si, o carinho com que tudo tentaram para o salvar e depois o acompanharam na morte, diz do seu porte e diz muito, também, da solidariedade e camaradagem dos seus companheiros de trabalho. Deus é Pai e tem sempre uma carícia com que suavizar as horas dolorosas. Assim foi mais uma vez.

Que a disposição última revelada pelo que me disse quando, a primeira vez, o visitei no Hospital — «Não merecia que V. me viesse ver» — tenha sido a mesma para o encontro com o Senhor... E estará com Ele para sempre.